Evento: XXII Jornada de Pesquisa

O OLHAR PSICOPEDAGÓGICO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO [1]
THE PSYCHOPEDAGOTIC LOOK AT THE SPECIALIZED EDUCATIONAL ATTENDANCE

Rose Oliveira Lunardi[2]

[1] MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL
[2] Professora

RESUMO

A Educação Inclusiva é um tema bastante relevante e discutido nos dias de hoje e este trabalho de Conclusão se formou a partir de uma pesquisa de campo que traz reflexões acerca das atividades que são realizadas no AEE, tendo como objetivos investigar os principais sintomas/queixas dos alunos que tem o atendimento na sala do AEE considerando se realmente precisam do atendimento especializado e o retorno dessa intervenção no processo de ensinar e aprender na sala de aula regular a partir desse novo contexto de educação e inclusão. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede municipal de ensino do município de Giruá – RS, com professores e alunos que frequentam a escola. Para coleta dos dados foi realizado um questionário com perguntas abertas e semi estruturadas acerca das atividades que são realizadas na sala de AEE e como é o trabalho dentro do ensino regular. A análise dos dados foi realizada num segundo momento tendo a contribuição teórica de autores como Fernández, Mantoan, Grossi, Bossa, Weiss, Mazzotta, entre outros, os quais trabalham conceitos referentes à inclusão, o desejo em aprender e o trabalho pedagógico. Portanto, o trabalho apresenta alguns apontamentos que podem contribuir para uma reflexão-ação sobre o AEE e auxiliar na ampliação do conhecimento sobre a Educação inclusiva na escola regular.

Palavras chave: Atendimento educacional Especializado, educação, aprendizagem, inclusão.

ABSTRAC

Inclusive education is a topic very relevant and discussed these days and this work Completion graduated from a research field which brings reflections on the activities that are performed in the ESA, aiming to investigate the main symptoms / complaints students who have the care of the room AEE considering really need the specialized care and return of this intervention in the process of teaching and learning in the regular classroom from this new context of education and inclusion. The research was conducted on a school from the local educational Girua - RS, with teachers and students attending the school. The data collection was carried out a questionnaire with open and semi-structured on the activities that are held in the parlor of ESA and how the work within the mainstream education. Data analysis was performed a second time with the theoretical contribution of authors like Fernández, Mantoan, Grossi, Bossa, Weiss, Mazzotta, among others,

who work concepts related to the inclusion, the desire to learn and the pedagogical work. Therefore, this work presents some pointers that may contribute to a reflection-action on ESA and help expand knowledge about inclusive education in regular schools.

Keywords: Specialized educational service, education, learning, inclusion.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época de constantes e rápidas transformações, onde uma série de valores e paradigmas estão sendo contestados, modificados, ou mesmo substituídos por outros. Em meio a estas transformações estão as implantações de salas de Atendimento Educacional Especializado nas escolas de ensino regular, onde buscam encontrar seu espaço e definir seu papel com a intenção de ajudar crianças com alguma necessidade especial.

Muito se tem falado e estudado sobre Educação Especial e/ou Educação Inclusiva, mas afinal como deve ser gerida a inclusão no ensino regular? De acordo com a Política Nacional de Educação na perspectiva da Educação Inclusiva (2007) nos diz que,

> "Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas".

Diante disto, com o objetivo de investigar os principais sintomas/queixas dos alunos que tem o atendimento na sala do AEE analisando se realmente precisam do atendimento especializado e o retorno dessa intervenção no processo de ensinar e aprender na sala de aula e analisando esse novo contexto de educação e inclusão é necessário um estudo aprofundando dos envolvidos no processo de mudança, onde não só preencham as salas de recursos físicos e alunos com "problemas", mas também tenham profissionais capacitados para atender as crianças, pois de acordo com "A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva ela tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades / superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais".

Deste modo, para que tais objetivos sejam alcançados, deve haver ética no funcionamento desses espaços e uma fiscalização acerca dos atendimentos. A classe de AEE é uma politica de inclusão e avanço na educação básica. Esta política tem como finalidade tornar a escola um espaço democrático que acolha e garanta a permanência de todos os alunos, sem distinção social, cultural, étnica, de gênero ou em razão de deficiência e características pessoais.

A escola, inserida neste contexto, tem a necessidade de formação continuada para que

favoreça a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas classes comuns do ensino regular. Portanto, para quem e quem seriam os estudantes atendidos no AEE na escola regular? O para quem ainda não está claro nas escolas, pois os professores pensam que é uma "aula de reforço e querem depositar alunos dentro desse local" e na verdade essa não é a proposta do AEE, onde busca na verdade auxiliar aqueles alunos que possuem alguma necessidade especial e tenha a oportunidade de também aprender.

Nesse sentido, desenvolver uma pesquisa Psicopedagógica, com ênfase nas Salas de Atendimento Educacional Especializado, remete à necessidade de analisar sua real importância dentro do ambiente escolar e como vem sendo utilizada. Para atender aos objetivos, foi utilizada pesquisa qualitativa, através da qual se buscaram respostas para as problemáticas explicitadas.

O trabalho com abordagem qualitativa possibilitou a descrição de todo processo investigativo, percorrendo cada etapa do estudo, a escolha dos sujeitos, a definição e aplicação dos estudos e a análise destes dados. De acordo com Minayo (2003), a observação participante é "parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa" (p. 134). Ainda de acordo com a autora, "Há uma série de fenômenos de grande importância que não podem ser registrados através de perguntas, ou em documentos quantitativos, mas devem ser observadas na sua realidade" (p.137).

Para a coleta de dados com os profissionais (professores e a professora do AEE) que atendem essas crianças, foi realizada uma entrevista estruturada, a fim de entender e compreender como a professora atende a criança na sala de aula e como são realizadas as intervenções dentro do AEE. De acordo com Minayo (2003) uma entrevista estruturada pode ser considerada como uma conversa com alguma finalidade e se caracteriza pela sua forma de organização.

Assim, após a coleta de todos os dados, os mesmos foram compilados e analisados a partir de uma fundamentação teórica que tentou responder ao problema de pesquisa.

Saber que cada aluno aprende diferente e tem suas particularidades já é um grande começo, pois entendemos que atualmente o papel da escola está relacionado com a mudança social e com a formação psicossocial do aluno. O que antes era visto a partir do individualismo, na exclusão, na fragmentação, hoje é visto sob o enfoque coletivo, compartilhado, cooperativo e inclusivo. O fazer dos profissionais que atendem as salas de AEE precisa estar articulado com toda a escola através de ações reflexivas, investigativas e transformadoras. Edler Carvalho (1998) ressalta que,

> Aprender a conhecer, a fazer, a viver junto e aprender a ser são princípios que devem ser respeitadas nas propostas inclusivas /integradoras. Afinal, precisamos enfrentar, sem cinismo ou resignação, a ineficiência do processo ensino-aprendizagem que tem ocorrido no nosso sistema educacional, produzindo índices inaceitáveis de fracasso escolar. (p. 175)

Partindo desse princípio, entendemos que as implantações das salas de AEE são de grande valia dentro da escola, não só para diminuir o fracasso escolar, a evasão e a repetência, mas também para ajudar alunos incluídos e com dificuldades de aprendizagem a desenvolver suas

habilidades e capacidades que, de alguma forma, em algum momento, foram reprimidas ou não estimuladas no decorrer de sua vida. É através de novas atitudes e mudanças no espaço escolar que vai ser possibilitada aos alunos a esperança de ao longo da vida ir enfrentando o novo e construindo algumas certezas no sentido de sua competência e valorização como ser humano. Em suma, quando partimos em busca do novo, conhecimentos anteriormente adquiridos são revistos e ratificados, os quais são fundamentados em nossa vida e é no confronto do antigo com o novo, na análise e reflexão de nossa prática que é possível inovar, ousar e renovar, traçar caminhos que possam mudar a sociedade. Cabe aos profissionais da educação lutar contra o comodismo, as relações autoritárias, a exclusão. É preciso buscar uma gestão transparente e participativa, visando às condições para que a escola possa cumprir com seu papel social.

Acredita-se que, através desta pesquisa, os envolvidos possam fazer uma reflexão/ação sobre a implantação e uso das salas de AEE, onde o processo de investigação, de leituras, o histórico da inclusão e de observação da realidade será uma estrutura de pesquisa desafiadora, provocando a necessidade de pensar e repensar alguns processos da prática docente e psicopedagógica nesses espaços.

BREVE HISTÓRICO DA INCLUSÃO ESCOLAR

A educação no Brasil evoluiu com o passar dos anos com a ajuda de grandes educadores e pensadores na qual aconteceram melhorias da oferta e qualidade do ensino, contudo os índices negativos, principalmente em relação à inclusão escolar, ainda são altos e as iniciativas tanto dos governos como de quem está no dia a dia na escola são muitas para melhorar a qualidade do ensino.

Um novo olhar para Educação Inclusiva

> “A inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas – sempre as avalia o que o aluno aprendeu, o que ele não sabe, mas raramente se analisa “o que” e “como” a escola ensina, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, evasão, discriminação, exclusão, enfim.” (Mantoan 2005, pág 28).

A escola escolhida pertence à rede municipal da cidade de Giruá. A escola atende cerca de 120 alunos e conta com uma boa estrutura física: dois banheiros, mas apenas um é adaptado para alunos com NEE, uma biblioteca pequena, sala dos professores, cozinha, refeitório, secretaria, direção, salas de aula, um ginásio, uma pracinha (em péssimo estado) e uma sala de AEE. Todas as salas são climatizadas e possuem uma boa iluminação. Na escola tem rampas e portas adaptadas aos alunos especiais. As crianças e adolescentes que estão matriculados são estudantes do bairro onde a escola se localiza. A instituição atende desde a Pré-escola até a 8º série do fundamental e conta com docentes que atuam nas diferentes áreas do conhecimento e funcionários, no vespertino e matutino.

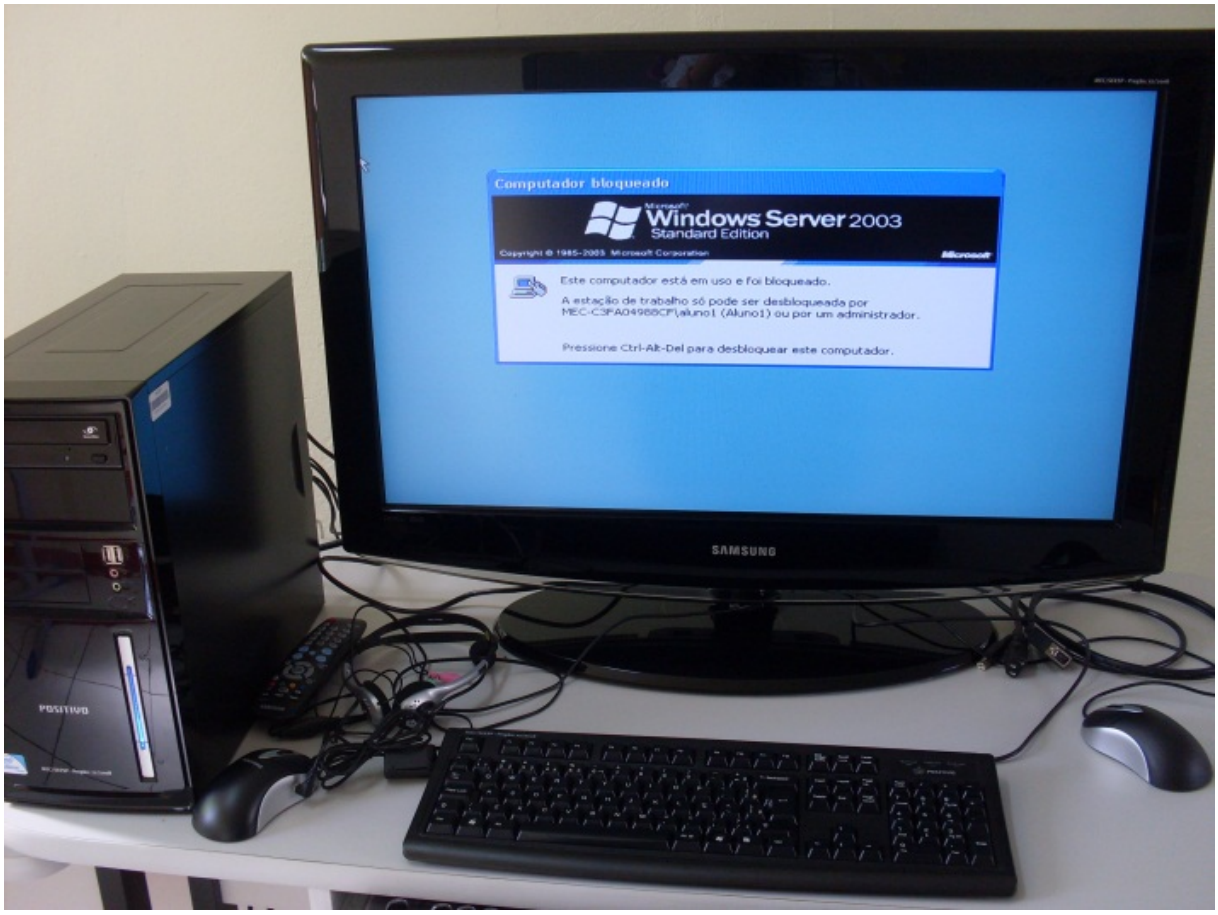
A direção coloca que a escola foi toda reformada e adaptada para ter a sala de AEE e atender os alunos que ali estudam e necessitam deste apoio. A escola tem atualmente 8 alunos com necessidades especiais. Mas apenas três tem maior frequência nos atendimentos.

A sala de Atendimento Educacional Especializado conta com materiais pedagógicos de qualidade, mas muitos não são usados por não terem sido instalados ainda, como é o caso do computador e impressora. Também na escola não há alunos com surdez e cegueira, talvez por isso os materiais estejam parados. Vejamos os materiais disponíveis na sala de AEE:

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Evento: XXII Jornada de Pesquisa



O OLHAR PSICOPEDAGÓGICO

A psicopedagogia trabalha diariamente por sua valorização e compreensão de sua importância para a sociedade. O psicopedagogo tem como objeto de estudo o processo de aprendizagem humana. Com isso, conta-se com teorias que embasam este trabalho, a psicopedagogia não consegue se embasar em apenas uma ou duas áreas do conhecimento, como nos diz Nadia Bossa (pág. 26), “devido à complexidade do seu objeto de estudo, são importantes a psicopedagogia conhecimentos específicos de diversas outras teorias, as quais incidem sobre seu objeto de estudo”, as dificuldades de aprendizagem.

O psicopedagogo atua em diversos campos, tais como: escolas, na saúde, hospitais, empresas, entre outros. Na escola, no institucional, seu papel é analisar, ouvir e apresentar os fatores que favorecem, intervém ou prejudicam a aprendizagem na escola. Atendendo professores e alunos, intervindo de forma que as dificuldades de relação e de aprendizagem sejam superadas. A estada desse profissional na instituição tem como objetivo de prevenção dos problemas de aprendizagem. O aspecto clínico é realizado em consultório de forma individual e tem praticamente a mesma missão do institucional, ouvir, estimular e intervir de forma mais adequada recuperando então seu cognitivo e emocional. Nadia Bossa, também afirma que:

> "A aprendizagem, afinal, é responsável pela inserção da pessoa no mundo da cultura. Mediante a aprendizagem, o individuo se incorpora ao mundo cultural, com uma participação ativa, ao se apropriar de conhecimentos e técnicas, construindo em sua interioridade um universo de representações simbólicas." (pág. 28).

Os processos de produção do conhecimento bem como os procedimentos didáticos e pedagógicos são produzidos de forma muito particular sendo que a aprendizagem passa por diferentes instâncias dos quais fazem parte organismo, corpo, inteligência e o desejo, onde é necessário contemplar estes quatro níveis na realização de atividades escolares.

Alicia Fernández em seus escritos nos diz que não podemos pensar em um sem pensar no outro, estando os quatro interligados tendo cada um a sua devida importância e contribuição no processo do aprender.

Ninguém nasce inteligente. A inteligência se desenvolve a partir dos estímulos dados ao cérebro e a partir das significações dadas aos objetos de estudo e pode ser demonstrada através do conhecimento e das interações possibilitadas a partir das relações estabelecidas com o outro. O desejar é fundamental no processo de aprendizagem pelo fato que ninguém aprende aquilo que não quer aprender. Cada pessoa faz suas escolhas pelo que gosta e entende que é necessário em sua vida e não pelo que não gosta de fazer. Na educação não é diferente. Se uma criança não se sente instigada para estudar determinados conteúdos e não sente a alegria demostrada por quem está lhe dizendo que aquilo é importante dificilmente acontecerá à produção do conhecimento.

Em suma, o homem se constitui como ser humano e aprende nas relações que ele estabelece com os outros, pois o conhecimento é sempre do outro e a partir do social, mas o saber é quando se coloca a subjetividade de cada um. Alicia Fernández (2001, pág. 93) nos diz que, "a intervenção psicopedagógica está direcionada a abrir espaços de autoria de pensamento não só para crianças a quem atende, mas também para os adultos (pais e professores) que têm funções instrutivas", no entanto, o conhecimento da psicopedagogia é amplo e demandam desses profissionais leituras, estudos, análise e muita dedicação, pois analisar o outro e diagnosticar algo requer ética e conhecimento do processo de aprendizagem, considerando a influência do meio, a família, escola e sociedade no seu desenvolvimento utilizando procedimentos adequados.

No atendimento educacional especializado, o olhar deste profissional irá intervir de forma a contribuir para que esses alunos incluídos possam avançar na aprendizagem e no comportamento, bem como auxiliar os professores em sua prática pedagógica já que faz o uso de diferentes áreas do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na inclusão escolar é pensar nas diferenças e isso implica oferecer diversas intervenções, pois na sala de aula temos uma diversidade de ideias, pensamentos, conhecimentos

e para beneficiar a todos e melhorar a qualidade do ensino temos que levar em consideração essas diferenças. A aprendizagem é um processo que desenvolvemos a partir de nossas experiências e cada pessoa é um ser singular que recebe e interioriza as informações de diferentes formas, podendo estas ser transformadas em conhecimento ou simplesmente continuarem como informações.

Após este trabalho de pesquisa e ao final deste curso de especialização consigo repensar muitas coisas que observei e que contribuiu mais para minha mudança interior do que externa, pois hoje consigo ver cada ser humano como único (singular e plural ao mesmo tempo) e que como educadora tenho a capacidade de transformar de acordo com o meu olhar e minha pratica a vida de uma criança.

O que mais chamou atenção no decorrer das observações foi o despreparo dos professores no ensino regular deixando claro através de sua prática que desconhece a verdadeira função de uma sala de AEE e de como intervir na aprendizagem de um aluno com necessidades especiais.

Outro ponto que acredito que seja necessário realçar é o fato de que as salas de AEE ainda estão sendo usadas para aulas de reforço, onde os professores depositam alunos muitos até porque incomodam em sala de aula. É preciso ter mais comprometimento e preparação do professor do AEE e regular para que possam ajudar significativamente os alunos com NEE.

A psicopedagogia permite compreender a criança como um todo e trabalha com os quatro níveis da construção do conhecimento: corpo, organismo, inteligência e desejo. Portanto, a pesquisa contribuiu muito com meu processo de formação enquanto educadora, e gerou uma reflexão/ação sobre a implantação e uso das salas de AEE no ensino regular, provocando a necessidade de pensar e repensar alguns processos da prática docente e psicopedagógica nesses espaços.

Com isso, podemos pensar que é possível ressignifcar o processo de ensino aprendizagem para todos os alunos, desde que os profissionais envolvidos façam uma reflexão critica sobre sua prática e suas concepções frente a inclusão e que tenha uma equipe preparada para subsidiar o fazer pedagógico dos professores contribuindo assim para a melhoria da educação.

REFERÊNCIAS

Bossa, Nadia. **A PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL, CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PRÁTICA**- Ed. Artmed, 2011.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** Brasileira n° 9.493/1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da**

Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

Fernández, Alicia. **A INTELIGÊNCIA APRISIONADA**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Ministério da educação, Secretaria da Educação especial. **A educação escolar na perspectiva da inclusão escolar: Atendimento educacional especializado, Deficiência Física/ Deficiência Visual/ Atendimento Educacional Especializado/ Deficiência Intelectual/ Baixa visão e cegueira/ Altas habilidades e superdotação/ Transtorno global do desenvolvimento/ Surdez**. Universidade Federal do Ceará. Brasília: MEC/SEESR, 2010.

RODRIGUES, Davi. KREBS, Ruy. SORAIA Freitas. **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais** (orgs.)- Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

DECRETO Nº 3.956, DE 8 DE OUTUBRO DE 2001. **Declaração de Salamanca.** http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/guatemala.pdf (acessado em 14/03/2013)

DERETO nº 3.298 de 1999. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm. (acessado em 12/02/2013)

DECRETO nº 5.296 DE 2004. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. (acessado em 12/02/2013)

EDLER CARVALHO, Rosita. **Temas em educação especial**. Rio de Janeiro: WVA, 1998.

GROSSI, Pillar Esther. **Por que ainda há quem não aprende?** . Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica** In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa